

# "AS HISTÓRIAS QUE NINGUÉM CONTA"

## O Mito Familiar na Vida do Neurótico

Richard Bucher

*Universidade de Brasília*

RESUMO — Como "Histórias que Ninguém Conta", são analisados determinados assuntos que, embora nunca explicitados, circulam como uma maldição no âmbito de uma família e marcam os seus membros pelo efeito inquietante que elas exercem. Estas histórias deixam-se entender como trama de um mito familiar que impregna a família, tendo como função de assegurar a sua unidade e harmonia, contra as tentativas de individualização dos seus membros. O mito familiar assim criado é discutido à luz das contribuições de Freud e de Lacan, como "Dichtung" cujas conotações inconscientes acerca da mulher e da morte representam um objeto privilegiado da investigação psicanalítica.

THE STORIES NOBODY TELLS.

THE FAMILY MITH IN THE LIFE OF THE NEUROTIC

ABSTRACT — The Stories Nobody Tells are defined as specific subjects, never explicitly discussed by the family, but experienced by its members as a curse with disturbing effects. These stories may be considered as a network of family myths that guarantees its unity and harmony against any attempt by the members toward individualism. The family myth so created is discussed in the light of Freud and Lacan's contributions, such as "Dichtung", in which unconscious connotations about women and death represent an important subject in psychoanalytical investigation.

A frase do título resume boa parte do drama familiar e social que vive o neurótico, encantado nos confins do imaginário e do simbólico, desarticulados em consequência do conflito entre desejo e recalque. Ela foi pronunciada, em tom pensativo e amargurado, por uma paciente numa sessão de análise, e se referiu a determinados assuntos nunca explicitados, mas sempre presentes e veiculados por numerosos canais informais da comunicação familiar. Assuntos que, como por acaso, tocam os temas do sexo e da morte, das relações pais-filhos, das relações intra e extraconjugais, dos tabus, proscricções e conspirações nas gerações precedentes, dos impulsos realizados à toa e das dívidas contratadas afora de prazo, irremediáveis e irreparáveis pelas gerações seguintes. Toca, em suma, todos aqueles temas que, como pano de fundo, consolidam o drama humano e suas configurações inconscientes.

Esta sucessão de simulações, fingimentos e mentirinhas, de verdades caladas e abafadas, podemos vê-la expressa na metáfora bíblica: "Os pais comeram uvas verdes e os filhos ficaram com dentes embotados". As uvas verdes, símbolo do preceito transgredido a esmo e da culpa dali resultante, não deixam de evocar a folha da parreira - senão da figueira ou da macieira - que tem que esconder a nudez do

desejo, aquela nudez, aquele pecado que será castigado até na terceira geração... Ademais, se a fábula faz surgir, segundo Lacan (1957), "tanto o estilo do inconsciente quanto a resposta que lhe convém", cabe seguir o rastro significante da dicção — seja ela bíblica ou profana — nas rasuras rasteiras daquilo que a história humana conta sem o dizer. A não ser que ela o dissesse sem que tivesse sido contado e notado, na conta das verdes dívidas que se transmitem de geração a outra, formando a ficção verídica revelada pela experiência do inconsciente.

Estas histórias, nunca verbalizadas mas de presença deslizando e insistente, atuando no meio da família e intrigando a nova geração que tem que se afirmar, se "individualizar" na ofegante selva desses enigmáticos e inquietantes ditos não-ditos — estas histórias, pois, não são fortuitas nem aleatórias, mas tipificam a história da família. Elas constituem a trama dorsal a partir da qual cada um dos membros tece a variação singular de sua vida de sujeito desejante. Se é que chegue a se posicionar como tal, podendo dispor de um desejo próprio, após ter tido um lugar, marcado e reconhecido, donde atirar-se vida adentro, nos limites estruturantes de uma castração que seja simbólica e não mutilante.

Sem poder dispor de um tal lugar, de um "continente" segurando sua expansão imaginária angustiante, este posicionamento será hipotecado e, no extremo, impossibilitado, levando à deflagração psicótica. Esta pode ocorrer quando a "uva verde da fala" cessa de impor sua lei, quando não há significantes a disposição para marcar o lugar do sujeito, perdido na história não-dita. Na neurose, porém, a história familiar, embora não-dita, ainda consegue circular e produz efeitos de dessubjetivação somente parcial, pelo fato, precisamente, de se manifestar através de significantes assinalando o não-dito — que, deste modo, se transforma mais em *mal-dito*, cuja *mal-dição* paira sobre o destino familiar, com repetições inquietantes ("unheimliche Wiederholungen") e, aparentemente, inexoráveis. Caberia à cura psicanalítica, se porventura um dos afetados pela mal-dição familiar a procurasse, converter este mal-dito em bem-dito, em bem-dizer-se, para que a cadeia significante liberte, reconstituída, o sujeito dos entraves que amordaçam o seu destino.

Sabemos que a criança é extremamente - sensível a qualquer manifestação deste não-dito; sua perspicácia penetra as substituições mentirosas que mal mascaram a verdade escamoteada. Levada pela sua investigação imaginativa, o filho forja para si uma história nova, fictícia certo, mas propiciando pelo menos uma ancoragem no real, para que este perca sua opacidade ameaçadora. Todavia, esta história nova infalivelmente combinar-se-á com as histórias circulantes mas não contadas ao seu redor, formando enredos cada vez mais complexos e mais intrincados, em cujas malhas a família inteira se prende, se enrola e se cala nebulosamente. De vítima perdida nas mentiras parentais — porque, não falar de constelações que marcaram o desenrolar da vida familiar, corresponde a mentir sobre elas — a criança, aos poucos, transforma-se assim em cúmplice, necessitando da *conivência* para sua *sobrevivência*, seja esta atrofiada, mutilada em suas dimensões significantes.

Quanto ao objetivo "ideológico" que podemos atribuir a este discurso familiar omissivo, cabe ressaltar a sua função de *unificação*. Levantando a bandeira da excelência familiar, da sua origem imaculada, da sua história sem falha, afirma-se a pureza intocável não apenas das intenções, mas também dos atos, executados sempre "ad maiorem familiae gloriam" — família nos melhores padrões de tradição, moral e religião e, por conseguinte, família aparentemente sem desejo, sem violência, sem desonestidade, sem tara e depravação alguma.

Destarte, tenta-se manter a união (e a honra) da família, nivelando-se toda

diferença individual, lutando-se contra qualquer veleidade desviante: a família é uma e unida, e nenhuma divergência deve ocorrer entre seus membros quanto ao acatamento encobridor da versão oficial da história familiar. "Somos muito unidos", soa o Leitmotiv da "juntidade" desta organização familiar, no interior da qual não há espaço para a diferença, para o desabrocho subjetivante.

Uma tal situação evoca a noção de *neurose familiar*, noção bem conhecida hoje em dia. Porém, sendo meramente descritiva, ela não abre, em minha opinião, perspectivas novas para uma compreensão teórica do enredo familiar, dos papéis e fantasias dos seus membros e de sua dinâmica inconsciente, e nem sequer para uma abordagem terapêutica mais acurada — a não ser aquela da terapia familiar, tão desenvolvida e preconizada nos tempos hodiernos. Todavia, não se trata aqui de discutir os méritos desta abordagem, pertinente e "eficiente" em muitos casos de problemáticas familiares, principalmente quando estas envolvem crianças; não obstante, cabe, a propósito da temática das histórias não contadas, a questão de saber se a "intervenção a nível da família" (o termo em si talvez seja significativo) faz justiça ao membro da família que se sente atingido pela mal-dição que impregna o seu ambiente, e que tenta libertar-se dela quer pela fuga (sob as suas formas mais variadas), quer pela procura de uma "terapia pessoal podendo levá-lo a uma emancipação interna. Ou ainda/se ela faz justiça à participação e à responsabilidade de cada um dos membros que se envolve, que se deixa envolver e enrolar pelo "Leitmotiv" da família. Este, além de ser unificador, com certeza também é assegurado, no que tange à ameaça de perder a coerência afetiva e protetora da família, de se isolar e se perder afora de seu âmbito de aconchego, angustiante e sossegador, alienante e beneficente.

No entanto, além dos benefícios secundários assim assinalados, cabe analisar as fantasias próprias aos membros da família, fantasias que, ligadas ao *desejo* de cada um, não devem ser minimizadas ou encobertas por uma abordagem aparentemente mais direta. A intervenção — facilmente manipuladora — na situação real da família pode ser uma tentação atraente, como prova de força que, "bem-sucedida", enaltecerá as qualidades terapêuticas do interventor... Ademais, uma tal intervenção pode, quer queira quer não, corresponder ainda a uma tentativa de "salvar", de "resgatar" a família e sua unidade ameaçada, de restabelecer as suas prerrogativas em perigo de despenho e de garantir novamente a sua convivência harmoniosa, seja ao preço — talvez sem que seja percebido, e sem má fé — de revigorar a mal-dição familiar.

Ao invés de abrir um espaço para o desvelamento das diferenças individuais, para a afirmação do direito de individualização, a intervenção pode então levar a encerrar este espaço, a compactar mais ainda a estagnidade da organização familiar e a reforçar assim a sua neurose que se trataria de dismantelar. Como os temas do sexo e da morte — centrais para qualquer abordagem psicanalítica — e as fantasias individuais e familiares que eles suscitam, pouco são levados em consideração no enfoque sistêmico da terapia familiar, será provavelmente muito difícil atingir e trabalhar as raízes desta neurose, constituídas precisamente pelos conflitos gerados por estes temas e suas elaborações inconscientes defensivas.

Para precisar melhor o empenho individual dos membros da família em sua organização neurótica, cabe, ao meu ver, acrescentar à noção de *neurose familiar* aquela de *mito familiar*, mais apta a abarcar a dimensão específica do não-dito que impregna o estilo de tantas das sagradas "células da sociedade". Porém, convém distinguir do *mito familiar* o *mito individual* do neurótico, pelo qual este tenta

situar-se no imbróglio que o circunda. De fato, se quer se libertar, cabe a ele descobrir o significado das mentiras estilísticas ou decorativas que velam o não-dito nuclear, bem como descobrir o lugar que lhe é destinado neste mito — se é que há ali lugar para a sua diferença, para um outro papel do que aquele de uma "pantomima de um discurso não verbalizado que significa a afirmação ou a anulação da sua dinâmica de sujeito". (Dolto, 1965). Afirmação ou anulação, dependendo, podemos precisar, não só do grau de neuroticismo da família, mas também da coragem, se não da sorte do familiar em romper as amarras seculares das carências encadeadas, escravizadoras que nem mesmo a luta à morte com o amo...

Tanto Freud quanto Lacan trataram do mito familiar (ou individual) do neurótico. Iniciando-se com o questionamento (do mito) de Édipo, o tema, sem dúvida, era incontornável, uma vez que a psicanálise — último bastião, segundo Lacan, das "artes liberais" — mantém uma relação privilegiada e, de fato, constitutiva com o humano do homem, isto é, com a dimensão simbólica, com aquilo feito à sua medida e que se torna a ser sua medida. "Relação intrínseca, fechada em si mesmo, inesgotável, cíclica, que comporta por excelência o uso da palavra", nos afirma Lacan (1953), para acrescentar logo que a emergência da verdade, indizível apesar de correlativa com a própria palavra, confere a esta um alcance de *mito* ("existe no seio da experiência analítica algo que é precisamente um mito").

A fala, pois, não pode exprimir a verdade a não ser de modo mítico: "O mito é o que dá uma fórmula discursiva a algo que não pode ser transmitido na definição da verdade" (ib.). Ao próprio complexo de Édipo, enquanto encruzilhada transformadora do ser jaculatório em ser falante, incumbe portanto um valor de mito, entrevisto por Freud mas não articulado por ele em toda a sua dimensão teórica. O mito familiar, do seu lado, não deixa de tecer-se ao redor da constelação edípica, como espécie de mito negativo, cunhando uma fórmula discursiva omissa cujo não-dito oprime pesadamente aquilo que se trata de transmitir positivamente, a saber, a verdade secreta sobre a origem e o lugar de cada um dos familiares.

Todavia, como quero ater-me ao aspecto particular daquele não-dito que circula na família, deixarei de lado a questão teórica do mito. De fato, percebe-se que a presença de um tal não-dito leva a impor condições quase que fraudulentas à convivência familiar, isto é, condições enviesadas e alienantes. <sup>(1)</sup>Em tais condições, já a pré-história do indivíduo será singularmente carregada. A constelação original das confluências geradoras influirá decisivamente no seu destino pessoal. Para citar Lacan mais uma vez: "A constelação do sujeito é formada na tradição familiar pela narração de um certo número de traços que especificam a união dos pais" (ib.). E,

---

Evidentemente, pode-se dizer que toda família compartilha tais condições, nada mais do que "humanas"; contudo, me parece que não é toda família que cultiva propositalmente as distorções comunicativas aqui visadas, ou ainda, que todas as mentiras familiares não exerçam o mesmo impacto neurotizante sobre os descendentes. É até tentador invocar aqui o famoso "quantum" de Freud, e que seria responsável, em última análise, da evolução neurótica, a partir de estruturas edípicas deficientes. Porém, além deste "quantum" hipotético, cabe referir-se à relação para com o real, critério diferencial crucial no que tange à "miséria neurótica"; esta, segundo Freud, tem que ser convertida em "miséria comum", para que o confronto com o real possa ser dialetizado. Clinicamente, aliás, a distinção se evidencia com facilidade, mas na elaboração teórica temos que cuidar-nos de generalizações abusivas, podendo corresponder mais a visões preconcebidas do que a reflexões sobre a experiência clínica. Ademais, se ninguém se atreve mais, hoje em dia, a traçar uma delimitação nítida entre normal e patológico (ou, no caso, neurótico), não significa que distinções nosográficas sejam despidas de sentido, a nível clínico. Elas não incluem necessariamente valorizações pejorativas.

sem dúvida, das gerações anteriores, uma vez que a tradição familiar não se esgota na referência à união dos genitores: os traços — ou significantes mestres — assim transmitidos incluem e provocam *repetições*, como rebentos do inconsciente, através de várias gerações. Contudo, como colocamos acima, no caso da neurose — deixando de lado a psicose<sup>(2)</sup> | - é a própria "constelação do sujeito" que se vê ameaçada, quando as histórias não (ou mal) contadas obturam o lugar onde a sua diferença poderia enraizar-se numa continuidade significativa.

Freud repetidas vezes abordou o tema do *mito familiar*, embora em contextos diferentes daquele aqui focado. No artigo "O Romance Familiar do Neurótico" (1908) por exemplo, ele analisa as fantasias que a criança curte acerca de sua ascendência, imaginando freqüentemente ser filho adotivo, oriundo de pais nobres. Sabe-se que Freud situa esta atividade fantasmática no prolongamento da curiosidade sexual da criança. Com o desenvolvimento das suas faculdades intelectuais, esta começa a duvidar da autoridade inatingível dos seus pais, elabora um senso cada vez mais crítico e se distancia deles (Freud fala mesmo de alienação, "Entfremdung von den Eltern").

Não obstante a referência à sexualidade infantil — ou por causa dela —, chega a comparar estas fantasias com um *mito*, além de insistir sobre o valor de "obra fictícia" ("Dichtung")<sup>(3)</sup> destas fantasias; assinala assim, em primeiro lugar, a oposição à verdade (do sexo, ou ainda da "vida a ser corrigida"), conforme a célebre oposição de "Dichtung und Wahrheit". Podemos nos perguntar, entretanto, se o romance familiar criado pela criança (neurótica ou não) não representa *também* uma tentativa de resposta ao mito familiar que o precede e ultrapassa, e no qual

M. Mannoni insiste repetidas vezes sobre o papel do mito familiar na eclosão da psicose. Segundo a autora, nas (duas) gerações precedentes preparam-se os enredos de uma simbolização deficiente, cujos efeitos podem levar o filho para a psicose. Porém, "se a análise nos aprende que o "mito familiar" do paciente é freqüentemente conhecido pelo sujeito, o que fica totalmente inconsciente é a identificação narcísica pela qual ele se situa". (**O Psiquiatra, seu "louco" e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974, pág. 43). A criança não nasce, nestas condições, para ocupar um lugar que se abriu para ela e no qual pode se desenvolver, se individualizar à sua maneira, mas ela vem assim ocupar um lugar que, de antemão, lhe é reservado num mito familiar que predestina os descendentes a preencher certas funções, sem levar em consideração o seu próprio desejo. Simbolizados através de ordenações, oráculos, juramentos e votos, estas predestinações exercem uma coação inconsciente sobre o filho e formam "todo um aparelho de destino" (id., pág. 159) que este cumpre cega e dramaticamente, e isto tanto mais quanto tenta escapar a ele, seguindo assim o modelo de Édipo (que, neste sentido, corresponde muito mais a um modelo psicótico). Sobre o mesmo tema, ver ainda Aulagnier, P.: *A violência da interpretação*. Rio de Janeiro; Imago, 1978.

Como acontece freqüentemente na tradução da Edição Standard Brasileira das obras de Freud, os termos originais empregados por Freud não são traduzidos de maneira uniforme, ou ainda se perdem no meio de perfrases complicadas e às vezes inúteis. No artigo referido, "Dichtung" aparece quatro vezes no texto original, duas vezes como substantivo, uma vez sob a forma verbal "andichten" (= atribuir confabulatoriamente) e uma vez como adjetivo, "dichtender Held" (= herói fantasiando, poético, confabulatório). As traduções que propõe a ESB. são as seguintes: "histórias imaginativas" e "obras de ficção" para o substantivo, "atribuir" (casos de amor fictícios) para o verbo, "herói e autor" para o adjetivo. No trabalho de Freud sobre "Der Dichter und das Phantasieren" (1908; G.W. VII, 213-223), ou seja, "O poeta e o fantasiar" (ESBr. IX, 149-158, sob o título: "Escritores criativos e devaneio"), "Dichter" é traduzido por "escritor criativo" e, às vezes, pejorativamente, como "poeta" ("todos somos poetas"); "Dichtung" se verte em "obra criativa" ou "obra imaginativa". Esta pluralidade de traduções deturpa radicalmente as colocações de Freud e impossibilita a compreensão das freqüentes aproximações alusivas a outras noções ou fenômenos. No caso citado, a associação com "Verdichtung" (condensação) é irreconhecível e se perde — e com ela a proximidade do sonho e da obra poética e suas relações com o inconsciente.

consegue imaginar-se como ocupando um lugar "legal" somente mediante o recurso à fantasia, elaborando uma engenhosa contra-mentira, à mentira que a circunda.

Neste sentido, então, o romance familiar, a "Dichtung" do filho se opõe ao mito familiar que escamoteia a verdade da constelação original e de certas ocorrências ofuscando o brilho da família. Diante da dificuldade de se afirmar em sua singularidade, de desenvolver e curtir um desejo próprio, o filho marca a sua diferença no imaginário, fantasiando, contra a versão unificadora e nivelizante da maldição familiar, uma família outra, diferente, pertencente secretamente a ele, e a ele só.

Restabelece, pois, uma verdade à sua maneira - solução coxa sem dúvida, mas, pelo menos, abrindo-lhe um espaço aonde advir como sujeito se torna possível. Será por acaso, aliás, que a "Dichtung" do filho visa, segundo Freud (ib.), antes de tudo a "enaltecer o pai" (que é "semper incertus"), a "substituí-lo por pessoas mais grandiosas"? Não corresponderia a entronização de um "pai maior" ao desejo de assegurar a certeza de sua função de genitor e de restabelecer a verdade da sua fala omitida? Reabilitar pela fantasia o pai fraco ou ausente, estranhamente castrado pelo mito familiar — eis o sentido que podemos atribuir, acredito, às fantasias idealizantes do filho, à procura de um lugar paterno não apenas ocupado no real, mas marcado e reconhecido.

Lacan, aliás, no texto citado, afirma, a respeito da cura analítica que nela, "o mito e a fantasia se reúnem", numa experiência passional "ligada à vivência atual da relação com o analista"; isto permitiria, "por intermédio das identificações que ela comporta, a resolução de um certo número de problemas"; problemas neuróticos que o pequeno Dichter tenta resolver identificando-se não a um analista, mas a uma figura paterna fantasiada como não castrada — sendo que a "coincidência casual com experiências reais" (Freud) pode, em função do investimento afetivo ou "passional" que estas recebem, substituir aqui o trampolim da experiência analítica.

Em outras obras de Freud, encontramos colocações que se aproximam mais ainda do mito familiar como ligado ao não-dito que circula na família. Assim no caso Dora (1905), Freud exemplifica, numa nota de rodapé, a sua concepção do poder patogênico de "coisas escondidas", tocando notadamente à esfera sexual. Trata-se de uma moça de 14 anos, com sintomas histéricos, influenciada, segundo Freud, "pelo romance de sua tia", cuja gravidez de solteira "se supunha felizmente ocultada" ("glücklich verheimlicht") diante da moça — quando este não-dito a tinha atingido em cheio. "Iniciada em todos os elementos essenciais das relações sexuais", ela construiu seu mundo imaginário próprio, identificando-se com a sua tia, longe da felicidade preconizada pela dissimulação familiar...

No "Homem dos Ratos" (1909), Freud, discutindo a situação patogênica do paciente, a relaciona com o "romance conjugal" ("Eheroman") do pai, que o paciente chegou a reproduzir, em "saltos da fantasia neurótica" cuja relevância histórica lhe escapou. Lacan, no trabalho citado, se refere a esta situação e sublinha o "mito familiar", criado pelo jogo repetitivo que se instaurou entre os cônjuges. "O prestígio, afirma ele, era do lado da mãe", sendo o pai, enquanto sub-oficial que tem feito uma escolha conjugal "vantajosa", depreciado em sua posição tanto doméstica quanto profissional. A figura do pai depreciado, humilhado no mito da família, reclama uma substituição, um "Ersatz" mais glorioso. E o filho, paciente de Freud, criou para si uma série de tais figuras substitutivas, culminando, no "mito dos ratos", na figura do capitão cruel, com seu poderio fascinante e repulsivo que só o Conde Nosferatu...

O relato do suplício dos ratos contado pelo capitão, substitui pois a história não (ou mal) contada da união dos pais, acertando em pleno as fantasias do filho acerca de matrimônio e filiação, de violência e culpa, de desejo, dívida e punição. O cenário fantasmático da cerimônia expiatória, nos disse Lacan, manifesta precisamente o "mito individual do neurótico", baseado na possibilidade de um desdobramento imaginário da função pessoal do sujeito; desdobramento *sem* o qual o paciente não consegue fazer face ao "Eheroman" do pai — estipulando a sua própria origem — e *com* o qual não consegue sair do jogo das substituições inalcançáveis.

Este jogo de substituições, Freud o tinha abordado sob vários ângulos, embora nunca chegou a dar-lhe uma formulação definitiva. Perante o dilema entre "Dichtung und Wahrheit", fantasia e verdade e, finalmente, entre realidade psíquica e realidade histórica, sublinha permanentemente a importância da distorção imposta pela elaboração fantasmática às ocorrências "reais", mas nunca abriu mão de uma possível (e, segundo ele, necessária) procedência da "Dichtung" da história real.

Basta lembrar aqui o estudo sobre o "Homem dos Lobos" (1918), paradigma da pertinácia de Freud em querer fundamentar o relato fantasioso do paciente em cenas reais. Sem dúvida, a sua tentativa explica-se em parte pela sua formação "naturalista", pelo esforço de manter um vínculo com os critérios de cientificidade da época; porém, diante de certas evoluções da psicanálise, a insistência de Freud não sobre "o real", mas sobre a realidade material, concreta e histórica das vivências do homem talvez não tenha sido inútil, se pensarmos no *corpo*, presente de modo misterioso ("pulsionalmente") em todas as transformações, distorções e disfarces da elaboração inconsciente. Ou ainda, se pensarmos ao forjamento do *mito familiar*, destinado precisamente a tapar incômodos acontecimentos reais, que podem até se perder nas trevas da pré-história da família.

Como Freud frisa no "Homem dos Ratos" (1909), a propósito das "fantasias inconscientes", é freqüentemente aconselhável "deixar indeterminado se a cena em questão na realidade ocorreu ou não"; todas as recordações da infância sofrem um "processo complicado de reformulação" ("Umarbeitungsprozess"), análogo à "formação de lendas de um povo sobre a sua história originária". A analogia da formação de fantasias individuais com aquela de lendas e mitos, se não surpreende no conjunto da obra de Freud, se destaca aqui em particular pela insistência sobre o processo de reformulação ou reelaboração, enquanto princípio básico daquelas produções psíquicas que se manifestam como "formações do inconsciente".

O mito familiar tal como acima descrito, deve, enquanto formação do inconsciente compartilhada por todos os familiares, passar por um processo semelhante de reelaboração — tentativa "a posteriori" ("nachtraglich") de atribuir significação a eventos e vivências anteriores, ou ainda, de diminuir o seu impacto na atualidade do cotidiano familiar. De fato, mesmo as fantasias originárias se enraizam na vivência corporal, ponto de partida da estruturação psíquica e da inserção numa realidade encarnada, opaca mas geradora de desejos e de fantasia subseqüentes ("Wunschphantasien").

Neste sentido, não poder-se-ia considerar o mito familiar como uma variante particular da fantasia sobre a cena originária, ampliada aqui para englobar, além do casal dos pais, também as gerações anteriores? Desta maneira, o mito familiar participaria das fantasias originárias, a respeito das quais, precisamente, Freud nunca chegou a decidir qual a parte que pertence à realidade. Pelo mito familiar, a origem do indivíduo — da qual trata a cena primitiva — se encontra pois enobrecida, passando por reinterpretações mais ou menos fantasiosas, mais ou menos encobridos-

ras de ocorrências incômodas anteriores, a serem minimizadas e dignificadas para que possam revestir a capa mítica da "juntidade", harmoniosa e indissolúvel, da família.

Voltemos a Freud. No trabalho sobre *Leonardo da Vinci* (1910), insiste ele sobre as funções defensivas e regressivas das fantasias que distorcem e revestem a realidade. A respeito das crianças, enfatiza que o "desejo de ser grande" impele todas as suas brincadeiras, mesmo "as mais inocentes", sendo que este desejo corresponde à ânsia de ser capaz de desempenhos sexuais, "como os grandes". Porém, quanto mais a vida sexual dos adultos — e as suas contrariedades familiares — é ocultada e desmentida, tanto mais o filho fantasia, respondendo novamente ao não-dito da família pela própria criação fantasiosa. No caso de Leonardo, o seu "prazer lúdico de proceder à dissimulação inócua e ao revestimento engenhoso", em fábulas e enigmas, nada mais seria do que a expressão da "pulsão lúdica" ("Spieltrieb") da sua juventude, que o gênio salvaguardava até em anos avançados.

Freud, sabe-se, relaciona o caráter juvenil da criatividade de Leonardo com a ausência de intimidação paterna na primeira infância, exemplo raro de uma constelação familiar que favoreceu (será pelo fato de não ter necessitado transformar-se em mito genésico?) a "ousadia e a independência de sua investigação científica posterior".

A independência do espírito científico e artístico, colocado ao serviço do estudo da natureza (materna), em oposição à autoridade paterna e a qualquer imposição autoritária: eis as condições de sublimação que teriam permitido a Leonardo criar a sua obra, ao preço da (suposta) não-realização sexual (ou seja, do "homossexualismo platônico") e de uma "compulsão de copiar e superar o pai", a qual nem no final da sua vida parecia ceder.

Percebe-se, pois, que a compulsão de repetição opera mesmo sob a manta da sublimação do gênio-artista-cientista, embora ligada aqui — efeito da inversão? — a um desdobramento não mais da figura paterna, mas da materna, como o testemunha o retrato de "Sant'Ana com Dois Outros.". Retrato-fantasma da ausência do pai, mas de um pai que, embora ausente, nunca foi superado, fazendo parte da "situação de quarteto" que, segundo Lacan, caracteriza a vida do neurótico. Situação de quarteto na qual se conjugam mito, fantasia e realidade, para afeiçoar o drama pessoal do sujeito neurótico.

Nesta situação, o aspecto do desdobramento enfatizado por Lacan nos leva a evocar o fenômeno enigmático e inquietante do *duplo*, do *sósia*, analisado por Freud no seu trabalho "O Estranho Familiar" ("Das Unheimliche") (1919). Ele está no âmago também de nossas histórias não contadas, se pensarmos nas repetitivas identificações inexplicáveis que perseguem o indivíduo, cercado pelos alastramentos do mito familiar. De fato, como já assinalamos, as histórias que ninguém conta têm que produzir, inevitavelmente, um efeito inquietante, pelo saber não-sabido, pela informação proibida que elas emitem subliminarmente. Estas informações, captadas pelas antenas sempre à espreita do filho, ansioso de se situar pessoalmente nas urdiduras da família, correspondem sem dúvida à volta do recalçado (familiar), ao qual a designação de "un-heimlich" se aplica com estranha perfeição.

O "heimlich", as histórias de lar, os segredos de alcova fadados a serem ocultados diante das gerações formadas neles e por eles — estas "Heimlichkeiten" recalçadas voltam a insistir, a circular e a contaminar aqueles que não deveriam ter conhecimento delas. Deveras, o efeito "unheimlich" (marca, segundo Freud, da



manifestação súbita de representações recalçadas) dificilmente será mais forte do que neste paradoxo das histórias "do lar" que ninguém conta; paradoxo estranho, sinistro e propriamente fantástico, que impõe à família uma aura secreta de evitamentos e não-confrontações com assuntos explosivos soterrados: a família vive como em surtos, em inquietação permanente quanto ao estopim que poderia desencadear as explosões em série, a partir de um significante repetitivo qualquer...

O trabalho de Freud sobre o "Unheimlich" introduz a noção de *repetição*; ela se transformou poucos anos depois na *compulsão de repetição*, fundamentando a teoria da pulsão da morte. Com o crescimento da sua experiência analítica, Freud percebeu cada vez mais o caráter "unheimlich" das manifestações do inconsciente, isto é, da inquietante fantasmática que impregna tudo aquilo que é relevante para a análise.

Com efeito, o que desassossega no "estranho familiar", é que *tudo* do homem pode ser tocado pelo seu efeito inquietante — tudo e qualquer coisa, passível sempre de ser corrompido, pervertido pelo movimento incessante e pulsativo do desejo. Desejo que se repete, que insiste pelo retorno do recalçado e que pode revestir qualquer objeto pela áurea de "unheimlich". Podemos nos referir aqui ao objeto (a) destacado por Lacan, objeto o mais comum e o mais estranho, ignorado e perdido de um lado, conhecido e familiar de outro, a nível precisamente da pulsão do inconsciente e da sua inquietante familiaridade, enquanto instância a mais íntima e a mais desconhecida do sujeito.

Não há abrigo que proteja eficazmente contra as andanças do (des-)familiar objeto (a); não há "Heim" que resguarda das "Heimlichkeiten" que se tentou banir nos esconderijos intemporais da saga familiar — quando há intemporalidade só na morte. Pretendendo banir deste modo as perdas secretas da família, as histórias não-contadas referentes à procura do objeto (a), é a própria vida que se desdobra de uma presença mortífera. Esta última, sem dúvida, acompanha a vida de parte a parte, mas pode asfixiá-la ao ponto de criar um ambiente tão irrespirável, tão "unheimlich" e deserto como só a própria casa do morto.

Entre todas as repetições que produzem a impressão de "Unheimlichkeit", Freud destaca duas: aquelas ligadas aos segredos da *mulher* e da *morte*. A respeito da morte, Freud é mais explícito, antecipando os desenvolvimentos de "Além do princípio de prazer". Insiste sobre a sua teoria bem conhecida, segundo a qual "o nosso inconsciente tem hoje tão pouco espaço como antigamente para a representação da própria mortalidade"; não obstante, afirma que "nossa relação com a morte" é altamente problemática e "unheimlich", particularmente no que diz respeito ao receio do retorno dos defuntos. Portanto, a "angústia primitiva diante do morto" faz parte da nossa bagagem cultural inconsciente, e a volta deste primitivo sob uma forma inquietante se torna possível pelo recalque, não da representação da própria morte, mas "da atitude afetiva altamente ambígua e ambivalente para com o morto".

No entanto, será que as fantasias acerca dos mortos (e do seu retorno) são mais inquietantes do que aquelas tocando à mulher? Estas últimas, Freud as aborda muito por cima, no texto citado. Quando menciona o mistério que representam os órgãos sexuais femininos para o homem, o relaciona com a angústia de castração, "Leitmotiv" já da análise do conto do "Homem de areia"; porém, a fascinação estranha pela mulher, pelos segredos da sexualidade feminina, do gozo feminino, do poder germinativo e da inalterabilidade ("Unwandelbarkeit") da mulher, é apenas aflorada no texto - e constitui um estranho não-dito no conjunto da obra de Freud.

Roustang (1976) relaciona essa omissão parcial com o "mito da mãe admirável": mãe pura, intocável, ao abrigo das flutuações do desejo e do pedido, essa figura mítica é promovida como aval da possibilidade do gozo fálico do homem, graças à remoção (recalcadora) do seu potencial mortífero, castrador, aniquilador... Essa elaboração mítica se origina nas fantasias tenebrosas acerca da mulher-mãe, próprias quer ao homem, quer à mulher; porém, não terá ela como função de conjurar ambas as representações secretas, da morte e da mulher, da morte-mulher, das forças telúricas geradoras e sepultadoras...?

Não visa ela a "domesticar" o "quarto termo", aquele da morte e da sua apreensão narcísica através da identificação especular, imaginada com todo o conforto que promete a regressão letal? Forma-se assim um "quarteto mítico" completo e perene, ao redor da matriz idealizada — mas aí, a mediação da morte se torna impossibilitada; a sua domesticação pelo mito familiar corresponde a uma tentativa de depurar a história da família dos limites que a morte (como o sexo) inelutavelmente faz lembrar. À ficção da "juntidade", se associa pois aquela da imortalidade. Entronizada no imaginário lareiro ao ponto de suprir a verdade da morte presente na vida, esta ficção esteriliza, neutraliza a vida, negando a necessidade da mediação dialética da morte na travessia das tensões existenciais do homem.

Portanto, o efeito inquietante das histórias não contadas, não será ele, numa análise mais profunda, ligado à necessidade premente de prevenir toda e qualquer invasão de fantasias a respeito de morte e mulher, de sexo, luta e desejo, aplicada agora à própria história familiar? Contudo, fazendo parte da existência até a mais cotidiana, estas não se deixam nem prevenir nem eliminar; elas são "heimlich", familiar e secretamente presentes, e suas incursões repetitivas na vivência da família provocam desamparos pouco aconchegantes ("unheimliche") e ameaças de perda da identidade, ameaças que só a identificação reduplicada com o mito (ou as mentiras) da família permite exorcizar — ao risco de produzir cenas típicas de repetição neurótica dessubjetivante, no lar assim reconstruído em aparente sossego e unidade.

Já disse que o membro dessa família assim constituída de segredo em mistério, de dissimulação em mito, de "Heimlichkeit" em "Unheimlichkeit" (mas não o é, afinal, toda família?) — que este membro, pois, terá que bem-dizer, em análise, a mal-dição da sua família, para escapar do seu cativeiro alienante, mas confortável pelo apoio que oferece. Empreendimento não impossível, mas quanto difícil, sofrido, dolorido — e culpabilizante, quando se trata de substituir à cumplicidade identificatória com o emaranhado mítico (e mistificante) da família, a intimidade com a verdade de si próprio, conquistada demoradamente sob as altercações travadas no cadinho da transferência.

A culpa experimentada nestas excursões arqueológicas adentro os recônditos da família, uma paciente a cernou falando da sua impressão de "profanar os túmulos dos antepassados", quando toca, quer queira quer não, aos segredos da maldição familiar. E sabemos todos, pela experiência clínica, como uma tal culpa pode pesar, pode paralisar o sujeito, ao ponto de impedir o prosseguimento da análise.

Freud, a este respeito, chegou a falar de "reação terapêutica negativa", entendida como decorrente de uma esmagadora culpabilidade — transmitida, talvez, de geração em geração. Quem ousa mexer com os segredos guardados décadas a fio, segredos erigidos em santuários invioláveis, em monumentos do orgulho falacioso, mas vislumbrante da família — não pode contar com a clemência destes antepassados, visto que fazem (sob o impacto da identificação fusional, que exige a pertença à família) parte integrante da bagagem transmitida e assimilada pelo sujeito.

Porém, será a culpa ressentida a explicação última do bloqueio aniquilador que o paciente pode experimentar no decurso da análise? Será que é apenas uma questão de não ter o direito de tocar nas histórias secretas das perdas e dos ganhos da família, devido ao fato de o sujeito se tornar portador de uma dívida simbólica longínqua — ou existe, além ou aquém da culpa, um receio mais profundo (e propriamente pré-edipiano), a saber, de *perder* algo de insubstituível? Então, não se trataria "apenas" de uma profanação dos túmulos que poderia suscitar a cólera dos defuntos, emoldurados na galeria dos ancestrais, mas de uma *angústia de nadificação* ("néantisation", "Vernichtung"): a sensação de não sobrar mais nada, de ser transformado, reduzido a nada quando, pelo empreendimento de desmantelo do mito familiar ao qual o sujeito pertence (bem antes de qualquer engajamento edipiano), a *falta* vem (ou arrisca) a *faltar*. Noção lacaniana das mais pertinentes que se deixa sem artifício relacionar com a vivência familiar do sujeito, exposto, precisamente, pela ameaça da falta da falta, em perder a sua relação para com o real, quando abolido o desejo ou, melhor, o objeto (familiar) causa do desejo. Quando o sujeito encontra o seu aval no mito familiar de histórias não-contadas, é este mito que se torna o sustentáculo da função de desejo deste sujeito; desmistificar (ou seja, analisar) o enredo mítico desta mal-dição, facilmente evocará o espectro do nada-mais-sobrando, da falta daquela falta que, embora mentirosa, garantia a possibilidade de um sujeito desejante.

Sem pertences, sem nome, sem ter mais lugar marcado em linhas genealógicas que vêm a desabar, ele experimenta então a angústia de ser reduzido a nada, a mais profunda, mais arcaica e mais "unheimlich" do que a angústia da castração: aquela de, confrontado com os fantasmas acima mencionados da morte e da mulher, sucumbir ao canto das sereias do passado, não podendo nem manter os segredos sagrados da família, nem sequer derrubá-los e substituí-los pela verdade de si.

Caberá à bem-dição da análise de indicar um caminho afora deste dilema, afora da mal-dição que sujeitou o indivíduo, em direção a um lugar, uma postura aonde poder afirmar-se (isto é, tornar-se firme em si mesmo), sem precisar dos recursos familiares caducantes, nem se sentir amortalhado mortalmente pelo nada.

## REFERÊNCIAS

- DOLTO, F. (1965): Prefácio, em: MANNONI, M.: *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1981.
- FREUD, S. (1905): Bruchstück einer Hysterie-Analyse. *Gesammelte Werke V*, 163-286. Trad, port.: Fragmento da Análise de um caso de Histeria. *ESBr. VII*, 5-119.
- FREUD, S. (1908): Der Familienroman der Neurotiker. *G.W. VII*, 227-231. Trad, port.: Romances familiares. *ESBr. IX*, 243-247.
- FREUD, S. (1909): Bemerkungen über einen Fall von Zwangsneurose. *G.W. VII*, 381-463. Trad, port.: Notas sobre um caso de neurose obsessiva. *ESBr. X*, 159-317.

- FREUD, S. (1910): Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. *G.W. VIM*, 128-211. Trad. port.: Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. *ESBr*. XI, 59-124.
- FREUD, S. (1919): Das Unheimliche. *G.W. XII*, 229-268. Trad. port. O Estranho. *ESBr*. XVII, 275-314.
- LACAN, J. (1953): O mito individual do neurótico. *Cadernos Freud/Lacanianos* nº 2. São Paulo: Cortez Editores.
- LACAN, J. (1957): La Psychanalyse et son Enseignement. Em: *Écrits*. Paris: Éditions Seuil.
- ROUSTANG, F. (1976): L'étrange familial. Em: *Un Destin si Funeste*. Paris: Éditions de Minuit.